

Capítulo I

Faltava pouco para as oito horas da manhã quando o conselheiro titular¹ Iákov Petróvitch Goliádkin acordou depois de um longo sono, bocejou, espreguiçou-se e finalmente abriu por completo os olhos. Aliás, durante uns dois minutos continuou deitado na cama, imóvel, sem ter ainda a certeza se estava mesmo acordado ou se continuava a dormir, se tudo aquilo que se passava à sua volta era mesmo real ou apenas a continuação dos seus sonhos desordenados. Contudo, os sentidos do senhor Goliádkin depressa começaram a tomar com mais clareza e nitidez as suas impressões normais, habituais. Com aquele ar seu conhecido fitavam-no as paredes poeirentas, verde-sujas, do seu pequeno quarto, a cómoda de mogno, as cadeiras a imitar mogno, a mesa pintada de vermelho, a otomana de oleado de cor avermelhada com florinhas verdes e, por último, as roupas despidas à pressa na noite anterior e deixadas em monte em cima do divã. Finalmente, o dia outonal cinzento, turvo e sujo espreitou o quarto pela janela embaciada com uma careta tão severa e azeda que o senhor Goliádkin não podia já de maneira nenhuma duvidar de que estava não num qualquer reino maravilhoso, mas na cidade de Petersburgo, a capital, na rua Chestilávotchnaia, no seu próprio apartamento. Tendo feito essa importante descoberta, o senhor Goliádkin fechou convulsivamente os olhos, como a lamentar o sonho recente e desejando recuperá-lo por um momento. Mas passado um minuto desceu da cama de um salto,

tendo certamente chegado por fim à ideia em torno da qual giravam até agora os seus pensamentos difusos, fora da devida ordem. Tendo saltado da cama, correu imediatamente ao pequeno espelho circular que estava em cima da cómoda. Embora a figura refletida no espelho, sonolenta, míope e já bastante calva fosse tão insignificante que não chamaria a atenção de ninguém, o detentor dessa figura ficou pelos vistos inteiramente satisfeito com o que viu no espelho. «Havia de ser bonito — disse o senhor Goliádkin a meia-voz — havia de ser bonito se hoje me faltasse alguma coisa, ou se, por exemplo, qualquer coisa não estivesse como devia ser, se me tivesse nascido uma borbulha, ou me acontecesse outra coisa qualquer assim desagradável; no entanto, não está assim tão mal; por enquanto tudo vai bem.» Muito satisfeito porque tudo ia bem, o senhor Goliádkin colocou o espelho no lugar, e apesar de estar ainda descalço e com a mesma roupa com que habitualmente se recolhia para dormir, correu à janela e, com grande interesse, começou a procurar com o olhar qualquer coisa no pátio do prédio para onde davam as janelas do seu apartamento. Aparentemente, também aquilo que procurava no pátio o satisfez por completo; o seu rosto iluminou-se com um sorriso de contentamento. Depois, tendo espreitado para trás do tabique o cubículo de Petrushka, o seu criado, e certificando-se de que Petrushka não estava, caminhou em bicos de pés até à mesa, abriu uma das gavetas, rebuscou no canto mais fundo dessa gaveta, retirou finalmente de baixo de uns papéis velhos e amarelentos e de vários outros objetos uma velha carteira verde, abriu-a com cuidado e espreitou com precaução e desvelo para o bolso mais recôndito. Certamente, o maço de papelinhos verdes, cinzentos, vermelhos e multicores² também olhou o senhor Goliádkin com ar aprovador e cordial quando ele, com expressão radiante, colocou à sua frente em cima da mesa a carteira aberta e esfregou as mãos com força em sinal da maior satisfação. Finalmente retirou-o, o seu consolador maço de notas de banco e contando-as, aliás pela centésima vez desde a véspera, começou a recontá-las, alisando com cuidado cada nota entre os dedos polegar e indicador. «Setecentos e cinquenta

rublos em notas! — concluiu num murmúrio. — Setecentos e cinquenta rublos, uma boa quantia! Uma quantia bastante agradável — continuou com voz trémula, um pouco debilitada pelo prazer, apertando o maço nas mãos com um sorriso significativo — é uma quantia mesmo muito agradável! Uma quantia agradável para qualquer pessoa! Bem gostaria eu de ver agora um homem para quem esta fosse uma quantia insignificante! Uma quantia como esta pode levar um homem muito longe...»

«Mas o que vem a ser isto? — pensou o senhor Goliádkin. — Onde está esse Petrushka?» Ainda com as mesmas roupas vestidas, espreitou outra vez para trás do tabique. Petrushka continuava ausente do seu cubículo e só o samovar, ali colocado no meio do chão, se zangava, se excitava, fora de si, ameaçando constantemente fugir, murmurando com ardor e muito depressa na sua linguagem misteriosa, ciciando para o senhor Goliádkin, provavelmente a dizer levem-me daqui, boa gente, pois já comecei a ferver e estou pronto.

«Diabos o levem! — pensou o senhor Goliádkin. — Esse patife preguiçoso é capaz de levar um homem às últimas. Por onde anda ele a vadiar?» Na sua justa indignação, dirigiu-se à antesala, que consistia num pequeno corredor em cujo extremo ficava a porta do saguão, entreabriu um pouco essa porta e viu o seu servidor, rodeado por um razoável número de lacaios, criados vários e outra gentalha. Petrushka contava qualquer coisa, os outros escutavam. Aparentemente, nem o tema da conversa nem a própria conversa agradaram ao senhor Goliádkin. Chamou imediatamente Petrushka e regressou ao seu quarto, completamente desagradado e mesmo transtornado. «Este patife é capaz de vender uma pessoa por menos de um pataco, e em especial o seu próprio amo — pensou o senhor Goliádkin —, e vendeu-me, sem dúvida que me vendeu por um mísero copeque, sou capaz de apostar. Bem, o que temos?...»

— Trouxeram a libré, senhor.

— Veste-a e vem cá.

Tendo vestido a libré, Petrushka, com um sorriso tolo, entrou no quarto do amo. Vinha mascarado da maneira mais extrava-

gante possível. Trazia vestida uma libré verde de criado, já fortemente usada, com galões dourados e claramente feita para um homem de estatura mais alta um bom côvado do que Petrushka. Trazia nas mãos um chapéu também com galões e plumas verdes, e junto à coxa uma espada de laçao numa bainha de couro.

Finalmente, para completar o quadro, Petrushka, cumprindo o seu costume preferido de andar sempre de maneira descuidada, doméstica, também agora estava descalço. O senhor Goliádkin examinou Petrushka de todos os ângulos e pareceu satisfeito. Pelos vistos, a libré fora alugada para uma qualquer ocasião de cerimónia. Era também visível que durante o exame Petrushka olhava para o amo com um estranho ar de expectativa e seguia com invulgar curiosidade todos os movimentos dele, o que muito perturbava o senhor Goliádkin,

— Bem, e a carruagem?

— Também já chegou.

— Para todo o dia?

— Para todo o dia. Vinte e cinco rublos.

— E também trouxeram as botas?

— Também trouxeram as botas.

— Palerma! Não podes dizer trouxeram, sim, senhor? Traz-mas cá.

Tendo manifestado a sua satisfação por as botas lhe estarem boas, o senhor Goliádkin reclamou o chá e os apetrechos para se lavar e barbear. Barbeou-se com extremo cuidado e lavou-se do mesmo modo, bebeu o chá à pressa e iniciou a sua principal e definitiva paramentação: vestiu umas calças quase novas; depois um peitilho de camisa com botõezinhos de bronze, um colete com umas florinhas muitos vivas e agradáveis; ao pescoço colocou uma gravata multicolor de seda e, por fim, envergou o uniforme, também quase novo e cuidadosamente escovado. Enquanto se vestia, olhou diversas vezes amorosamente as suas botas, a todo o instante levantando ora um pé ora o outro, admirava-lhes o feitio e murmurava qualquer para consigo, piscando de vez em quando um olho com uma careta expressiva. Aliás, naquela manhã o senhor Goliádkin estava muito distraído e por isso quase

não notava o sorrisinho e o esgar de Petruchka, que o ajudava a vestir-se. Tendo acabado de fazer tudo o que era preciso, já completamente vestido, o senhor Goliádkin meteu a carteira no bolso, lançou um último olhar admirativo a Petruchka, que tinha calçado as botas e estava portanto também completamente preparado, e, notando que já estava tudo feito e não havia mais que esperar, desceu a escada apressado, azafamado, com o coração levemente agitado. Uma carruagem de aluguer azul-clara, com uma espécie de escudo de armas, aproximou-se ruidosamente da entrada. Petruchka, trocando piscadelas de olho com o cocheiro e com alguns basbaques, ajudou o amo a sentar-se na carruagem; numa voz fora do normal e sustendo a custo o riso idiota, gritou: — Vamos! — saltou para a traseira da carruagem e toda a equipagem, tilintando e estridulando, entre gritos e estrépitos, seguiu para a avenida Nevski. Assim que a equipagem saiu pelo portão, logo o senhor Goliádkin esfregou as mãos febrilmente e desatou num riso suave, quase inaudível, como um homem de caráter alegre que tivesse conseguido pregar uma excelente partida e com a qual estava muito contente. Contudo, logo a seguir a esse acesso de alegria, o riso deu lugar a uma expressão estranha e preocupada no rosto do senhor Goliádkin. Apesar de o tempo estar húmido e nublado, baixou as duas janelas da carruagem e começou a observar cuidadosamente à direita e à esquerda os transeuntes, assumindo logo um ar digno e sério assim que notava que alguém olhava para ele. Ao virar da rua Litéinaia para a avenida Nevski, uma sensação muito desagradável fê-lo estremecer e, franzindo o cenho como qualquer pobre diabo a quem tivessem pisado um calo, o senhor Goliádkin encolheu-se, à pressa e até assustado, no canto mais escuro da carruagem. O caso é que viu dois seus colegas de serviço, dois jovens funcionários do departamento em que ele próprio trabalhava. Quanto aos funcionários, segundo pareceu ao senhor Goliádkin, ficaram pelo seu lado também extremamente perplexos ao encontrar daquela maneira o seu colega; um deles até apontou com um dedo para o senhor Goliádkin. O senhor Goliádkin achou mesmo que o outro até o chamou pelo nome em voz alta, o que, é claro, era